



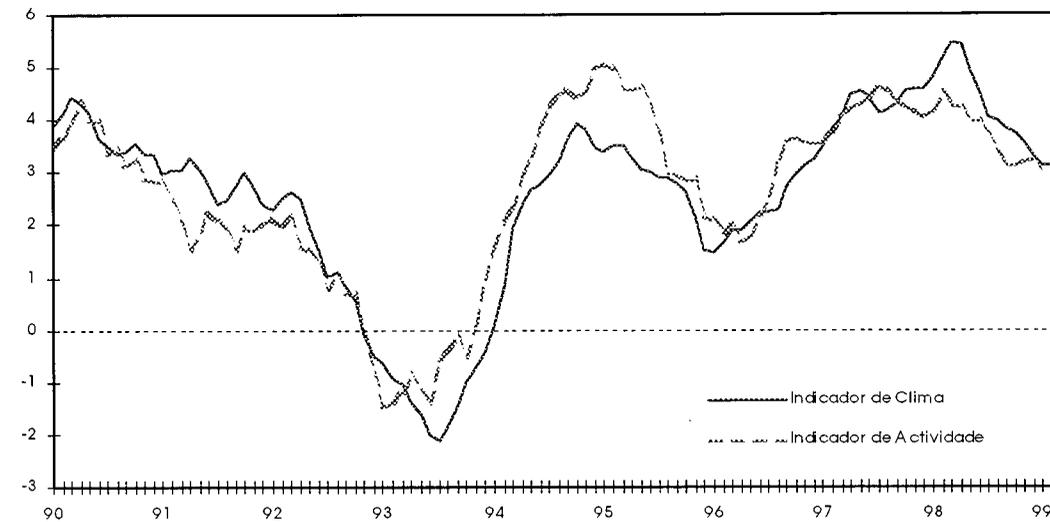
# SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

PORTUGAL

Fevereiro de 1999

INDICADORES DE SÍNTESE CONJUNTURAL



A conjuntura económica dos Estados Unidos e da UE manteve até ao final de Fevereiro características idênticas às verificadas no final de 1998: crescimento económico ainda suficientemente forte para permitir a descida do desemprego, procura interna muito dinâmica, desaceleração da actividade industrial e inflação muito baixa. Fora destas zonas económicas a crise continuou a alastrar, com a economia japonesa a registar uma forte quebra e com a América Latina, e especialmente o Brasil, a mergulharem em recessão. O prolongamento da crise e os seus efeitos na procura mundial deverão conduzir a que o PIB da UE não cresça mais do que 2 por cento ao longo do corrente ano.

A confiança dos consumidores da UE e dos Estados Unidos voltou a melhorar em Fevereiro, sendo esta evolução acompanhada por um andamento muito positivo da procura de bens de consumo. De resto, a despesa das famílias mantém-se nestes países como a componente da procura que apresenta um crescimento mais sustentado, em contraste com as exportações de mercadorias que continuam a retroceder.

O crescimento económico manteve-se forte em Portugal até ao final de Fevereiro, embora evidenciando uma ligeira desaceleração face ao quarto trimestre de 1998. Este crescimento revela-se mais forte e sustentado no comércio a retalho e na construção de habitações, enquanto continua a enfraquecer na indústria transformadora, na hotelaria e nas obras de engenharia.

A despesa das famílias revelou um forte dinamismo até ao final de Fevereiro, tanto na procura de bens de consumo como na compra de habitações. O indicador de confiança dos consumidores recuperou durante o trimestre terminado em Fevereiro, permanecendo também bastante positivas as apreciações das famílias acerca da sua situação financeira. A informação relativa ao saldo do crédito concedido a particulares veio confirmar que uma parcela significativa da despesa das famílias, mesmo a de bens de consumo corrente, está a ser financiada pelo recurso ao crédito.

O investimento abrandou ligeiramente entre Dezembro e Fevereiro mas a sua evolução manteve-se ainda bastante positiva, sobretudo a procura de veículos comerciais pesados e as vendas de habitações. No entanto, o crescimento das vendas de veículos comerciais ligeiros abrandou e as adjudicações de obras públicas mantiveram uma descida intensa. O investimento empresarial tinha reanimado durante o último trimestre de 1998, como se conclui pela evolução do crédito concedido com esta finalidade às empresas não financeiras, pelo andamento das importações de bens de equipamento e pelo forte crescimento das vendas de veículos comerciais.

A carteira de encomendas externa das empresas recuou até ao final de Fevereiro, depois do valor das exportações de mercadorias ter aumentado apenas 0,5 por cento durante o trimestre terminado em Novembro.

O mercado de emprego voltou a reanimar em Fevereiro, tendo subido fortemente as novas ofertas de emprego e descido significativamente o número de desempregados inscritos. Esta evolução do mercado de emprego é concordante com as expectativas empresariais e evidencia a boa relação que persiste entre crescimento económico e criação de empregos. A inflação subiu ligeiramente em Fevereiro, embora a inflação subjacente tivesse permanecido estável.

## **C**atálogo recomendada

**SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL.** Lisboa, 1997-  
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de  
Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E.,  
1997- . - 30 cm  
Mensal  
ISSN 0873-9374

### **D**irector

Presidente do Conselho de Administração  
C. Corrêa Gago

### **E**ditor

Instituto Nacional de Estatística  
Av. António José de Almeida  
1000 LISBOA  
Telefone: (01) 847 00 50  
Fax: (01) 847 85 78

### **C**omposição

INE - Gabinete de Estudos  
Área Económica

### **I**mpressão

INE - Secção de Artes Gráficas

**T**iragem: 550 exemplares

**D**epósito legal n.º 117748/97

**Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:**

**Gabinete de Estudos - Área Económica**

**Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821**

**O INE na Internet**  
<http://www.ine.pt>

---

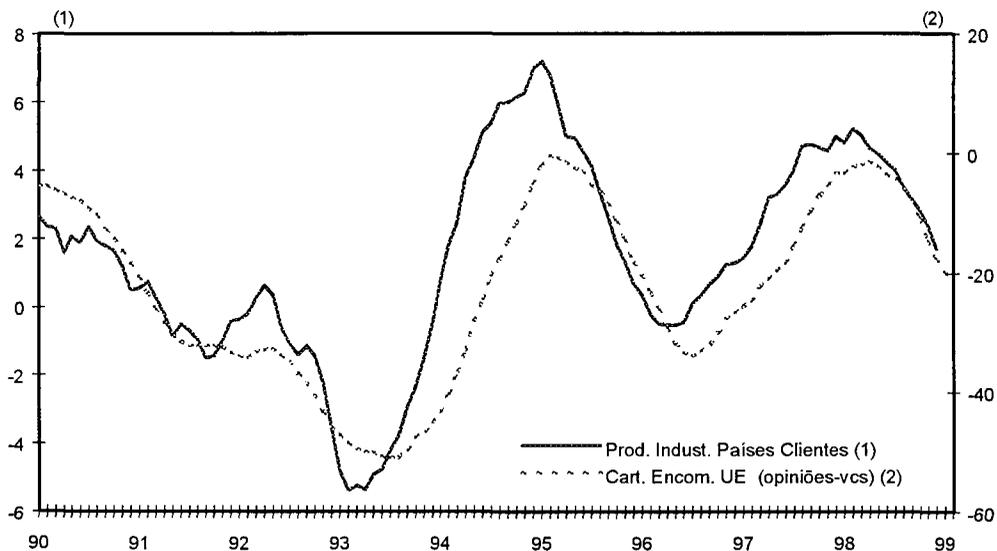
**SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL**

**FEVEREIRO DE 1999**

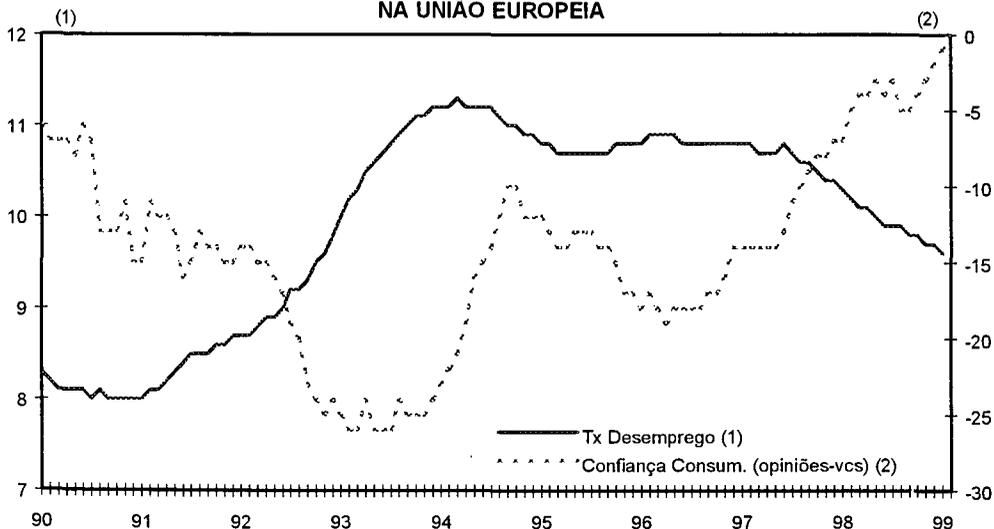
---

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Dez.98	Jan.99	Fev.99
<b>ENQUADRAMENTO EXTERNO</b>								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	3.2	3.5	3.0	2.8	2.5	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	5.0	5.0	4.2	3.2	1.7	1.7	-	-
Cart. Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-3	-2	-3	-8	-18	-19	-21	-23
Indic. Confiança dos Consumid. na UE (opiniões-vcs)	-8	-5	-4	-4	-3	-2	-1	0
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	10.4	10.2	10.0	9.9	9.7	9.7	9.6	-
Preços no Consum. na UE (índ. mensal harmonizado)	1.7	1.3	1.6	1.3	1.0	1.0	0.9	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	1.3	0.7	0.1	-0.8	-1.6	-1.6	-	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	0.4	-11.0	-21.6	-21.1	-18.3	-18.3	-16.9	-17.1

### CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



### DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



---

---

## ENQUADRAMENTO EXTERNO

---

---

*O crescimento do PIB dos nossos principais países clientes voltou a abrandar durante o quarto trimestre de 1998. A procura interna manteve-se forte mas não conseguiu compensar o comportamento desfavorável das exportações. A taxa de desemprego continua a diminuir na UE e mantém um nível historicamente muito baixo nos EUA.*

O ritmo de crescimento económico nos principais parceiros económicos de Portugal continuou a abrandar durante o quarto trimestre de 1998. O PIB deste conjunto de países terá então registado uma variação homóloga de 2,5 por cento, contra 2,8 por cento no trimestre anterior. A evolução bastante favorável da procura interna não conseguiu atenuar o acentuado abrandamento das exportações.

Esta desaceleração produtiva traduz essencialmente a evolução económica na UE, uma vez que o dinamismo da procura interna nos Estados Unidos foi suficiente para acelerar o ritmo de crescimento do PIB durante os últimos três meses do ano findo. Por sua vez, a economia japonesa voltou a cair fortemente durante este período.

O Reino Unido, a Itália e a Alemanha foram os países da UE cujo crescimento mais abrandou na parte final de 1998. Inversamente, este crescimento manteve-se ainda relativamente positivo na França, na Holanda, na Suécia e em Espanha.

A conjuntura internacional não apresentou alterações sensíveis durante os primeiros dois meses de 1999, continuando a verificar-se nos EUA e na UE um intenso dinamismo da procura interna, particularmente de bens de consumo, e um enfraquecimento da procura externa. O principal elemento novo resulta da confirmação por parte do FMI de uma profunda recessão no Brasil ao longo do corrente ano.

O sector industrial tem apresentado um comportamento mais homogéneo nos EUA e na UE, acompanhando o arrefecimento da procura mundial. A produção industrial dos EUA registou uma variação homóloga de apenas 1,7 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro de 1999, tendo o índice de produção dos principais países clientes de Portugal

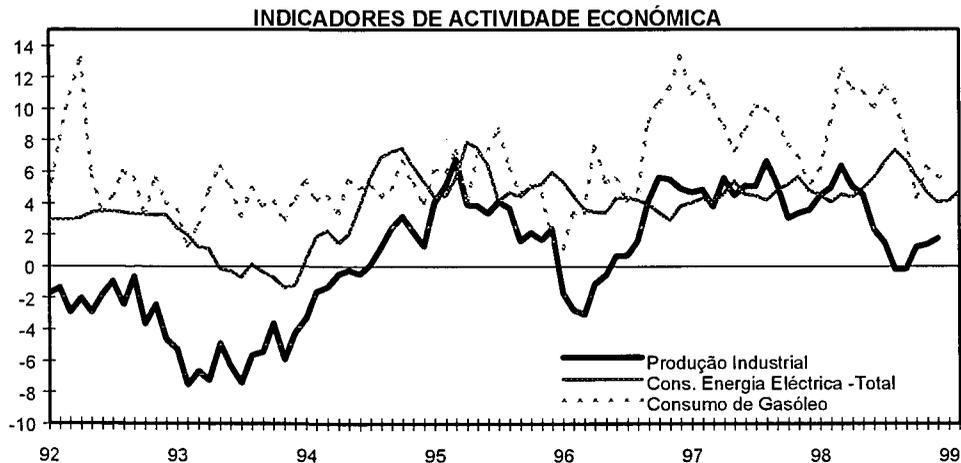
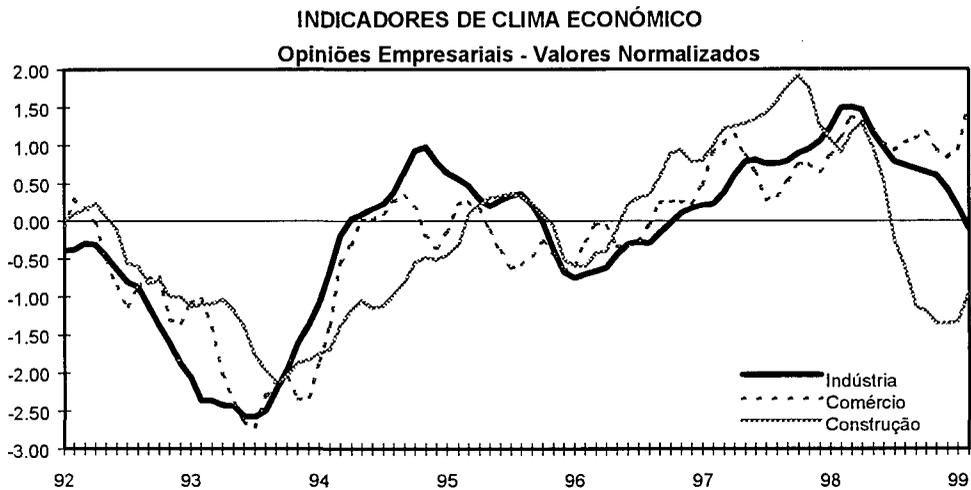
conhecido uma evolução semelhante durante o quarto trimestre de 1998. Por outro lado, as apreciações dos industriais da UE acerca do andamento da produção e do nível da carteira de encomendas retrocederam até ao final de Fevereiro de 1999, sugerindo que a sua actividade terá continuado a desacelerar. Estas apreciações são extensivas à carteira de encomendas externas, que já acusara um andamento muito desfavorável no final do ano passado.

De facto, o valor das exportações de mercadorias, em moeda local, da generalidade dos países da UE apresentara uma evolução já negativa durante o último trimestre de 1998.

Estes ventos externos desfavoráveis têm sido atenuados pelo vigor da procura interna de bens de consumo. Com efeito, o indicador de confiança dos consumidores voltou a melhorar em Fevereiro, tanto na UE como nos Estados Unidos. Esta evolução acompanhou a descida em Janeiro da taxa de desemprego na UE para 9,6 por cento e a sua manutenção em Fevereiro a um nível historicamente muito baixo, em 4,4 por cento, nos EUA. A recuperação do mercado bolsista terá igualmente contribuído para o maior optimismo dos consumidores, particularmente nos EUA. O crescimento homólogo do valor das vendas no comércio a retalho deste país apresentou, inclusivamente, uma nova aceleração durante o trimestre terminado em Fevereiro, situando-se um pouco acima de 7 por cento.

A variação homóloga do índice de preços no consumidor, harmonizado, na UE baixou para apenas 0,9 por cento em Janeiro, enquanto a percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor nos EUA subia ligeiramente, para 1,6 por cento.

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Dez.98	Jan.99	Fev.99
<b>INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA</b>								
Indicador de Clima Económico	4.6	5.4	4.5	3.8	3.3	3.3	3.1	3.1
Indicador da Actividade Económica	4.1	4.3	4.0	3.1	3.3	3.3	3.0	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	3.6	6.4	2.3	-0.2	1.8	1.8	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	8.2	12.0	6.9	5.1	0.4	0.4	-	-
Proc.Interna Bens Intermédios (opiniões-ve-mm3m)	-4	-1	-6	-11	-15	-15	-15	-16
Volume de Negócios no C.Retalho (índice)	6.3	11.1	12.8	9.1	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	1.05	1.50	0.98	0.69	0.43	0.43	0.19	-0.10
Indicador de Clima na Construção (opiniões-v.norm.)	1.27	1.17	0.54	-1.13	-1.35	-1.35	-1.32	-0.95
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	0.65	1.38	1.04	1.09	0.83	0.83	0.95	1.51
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	53.6	58.1	59.9	61.3	55.3	55.3	56.5	-
<b>CONSUMOS ENERGÉTICOS</b>								
Energia Eléctrica - Total	4.8	4.5	5.6	6.7	4.1	4.1	4.1	4.7
Consumo de Gasóleo	5.3	12.5	10.1	8.1	5.7	5.7	5.5	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	8.2	7.6	1.6	3.8	-3.8	-3.8	-3.7	-



---

---

## ACTIVIDADE ECONÓMICA

---

---

*O crescimento económico abrandou durante o trimestre terminado em Janeiro e deverá ser no conjunto do primeiro trimestre de 1999 inferior ao do último trimestre de 1998, tendo em conta as expectativas dos agentes económicos. A actividade continua a enfraquecer na indústria e no sector hoteleiro, enquanto se mantém muito forte no comércio e recupera na construção.*

O indicador coincidente da actividade económica apresentou uma subida homóloga de 3 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro. Apesar deste ritmo ser ainda bastante positivo e de se situar acima do crescimento médio deste indicador durante a década de 90, é menor do que o verificado no final do mês anterior. Tendo em conta o perfil descendente do indicador de clima económico até ao final de Fevereiro, é provável que o crescimento homólogo da economia no conjunto do primeiro trimestre de 1999 venha a ser ligeiramente inferior ao dos últimos três meses do ano findo.

A actividade industrial é aquela que está a apresentar uma desaceleração mais significativa. Embora o crescimento homólogo do índice de produção da indústria transformadora tivesse melhorado ligeiramente durante o quarto trimestre de 1998, situando-se em 1,8 por cento, o inquérito de opinião realizado em Fevereiro junto dos empresários deste sector revela um recuo significativo das suas apreciações acerca dos andamentos da produção e da procura e expectativas cada vez menos favoráveis quanto à evolução a curto prazo da sua actividade. Também o crescimento homólogo do índice de volume de negócios deste sector conheceu uma importante desaceleração durante o quarto trimestre de 1998, baixando para apenas 0,4 por cento. A evolução negativa das exportações de mercadorias terá contribuído para o comportamento menos favorável do volume de negócios durante este período. A queda homóloga de 3,7 por cento do consumo industrial de fuel (excluindo EDP) durante o trimestre terminado em Janeiro e a forte descida do número de veículos montados apontam também para um comportamento menos positivo da actividade industrial durante os últimos meses.

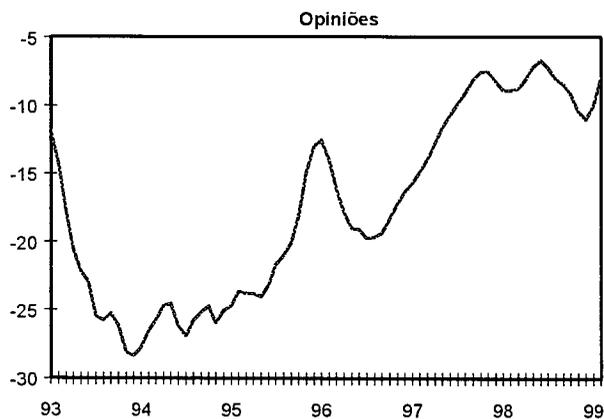
Também a actividade do sector hoteleiro estará a conhecer uma perda de dinamismo. De facto, embora tenha melhorado ligeiramente durante o trimestre terminado em Janeiro, o nível da taxa de ocupação é actualmente bastante mais fraco do que o registado durante os três primeiros trimestres de 1998. O crescimento homólogo das dormidas da hotelaria e as taxas de ocupação hoteleira já tinham retrocedido durante o quarto trimestre de 1998. A desaceleração significativa do crescimento homólogo dos preços dos serviços de alojamento entre Setembro e Fevereiro últimos deverá estar relacionada com o abrandamento da procura dirigida ao sector.

Em contrapartida, constata-se a persistência de um forte crescimento da actividade no sector do comércio, como decorre dos resultados dos inquéritos de opinião realizados junto dos empresários. Estas apreciações são concordantes com a manutenção de uma procura interna muito intensa, particularmente de bens de consumo. Constata-se igualmente uma melhoria da actividade no sector da construção. Esta reanimação da actividade, que já fora anteriormente sugerida pela evolução mais positiva da procura interna de materiais com destino ao sector, é também agora assinalada pelos resultados dos inquéritos de opinião. A evolução ainda muito negativa das adjudicações de obras públicas evidencia que o sector da construção de habitações continua a ser determinante nesta melhoria.

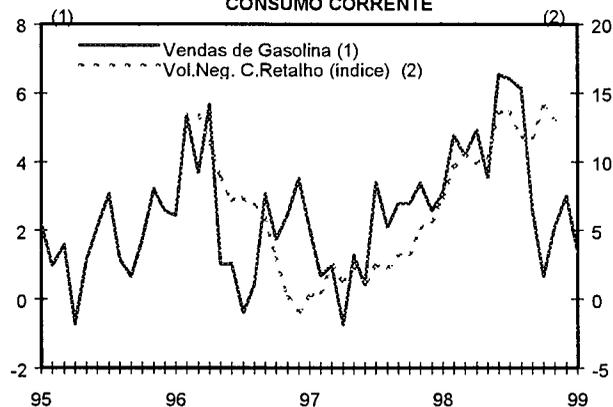
A recuperação das ofertas de emprego e a descida do desemprego até ao final de Fevereiro revelam que, apesar do abrandamento económico registado, a relação actual entre criação de emprego e crescimento económico é mais positiva do que em períodos anteriores.

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Dez.98	Jan.99	Fev.99
<b>CONSUMO PÚBLICO</b>	-0.5	8.1	7.9	5.7	9.2	9.2	6.7	-
Despesas com Pessoal	4.2	8.9	8.3	7.3	9.7	9.7	8.0	-
Despesas com Bens e Serviços	-17.7	-3.6	3.8	-6.5	7.1	7.1	-0.4	-
<b>SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS</b>								
Inquérito aos Consumidores (Opiniões-ve-mm3m)	-7	-8	-6	-5	-6	-6	-5	-4
<b>CONSUMO PRIVADO</b>								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-8	-9	-7	-8	-11	-11	-10	-8
Crédito ao Consumo (tvh-valor)	27.0	29.0	26.9	29.0	28.6	X	X	X
Operações da Rede Multibanco	18.2	18.9	22.6	21.7	22.1	22.1	20.7	20.1
Proc.Interna B.Consumo Indust.(opiniões-ve-mm3m)	-15	-11	-9	-9	-9	-9	-8	-10
<b>CONSUMO CORRENTE</b>								
Vendas no Com.Retelho B.Cons.Corr. (opiniões)	5	0	2	6	6	6	14	14
Vol.Negócios no C.Retelho B.Cons.Corr.(índice)	5.6	10.6	13.6	11.7	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	9.6	8.4	13.3	9.8	7.8	7.8	-	-
Vendas de Gasolina	2.6	4.2	6.5	2.6	3.0	3.0	1.4	-
Dormidas na Hotelaria	4.6	3.3	9.5	8.9	-	-	-	-
<b>CONSUMO DE BENS DURADOUROS</b>								
Vendas no Com.Retelho B.Durad. (opiniões)	-16	-8	4	-16	-20	-20	-15	3
Vol.Negócios no C.Retelho B.Dur.(índice s/Autom.)	4.4	13.0	14.3	7.2	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veíc. Todo-o-Terreno	4.0	5.3	21.3	23.3	22.5	22.5	27.0	29.9
Matrículas de Automóv. e Veíc. Todo-o-Terreno	6.4	6.3	11.0	11.7	24.5	24.5	16.4	22.0
Vol. de Negócios da Indústria Mobiliário (índice)	15.9	13.2	10.5	4.2	-7.6	-7.6	-	-

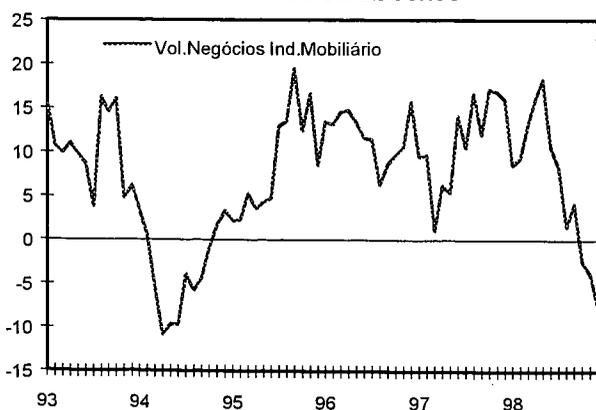
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



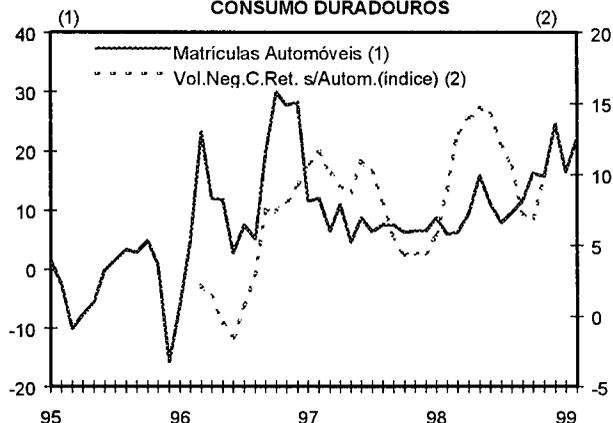
PROCURA INTERNA DE BENS DE CONSUMO CORRENTE



PROCURA INTERNA DE BENS CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS CONSUMO DURADOUROS



---

---

## CONSUMO FINAL

---

---

*O indicador de confiança dos consumidores recuperou durante o trimestre terminado em Fevereiro, tendo as famílias apresentado também uma avaliação mais positiva quanto à sua situação financeira. A procura interna de bens de consumo manteve-se bastante positiva, com destaque para o forte crescimento das vendas de automóveis.*

O indicador de confiança dos consumidores recuperou durante o trimestre terminado em Fevereiro. A procura interna de bens de consumo continuou a conhecer uma evolução forte e estável, como se conclui da evolução das vendas de automóveis e das opiniões dos empresários do comércio a retalho acerca do seu volume de vendas. O mesmo se deduz da relativa estabilidade, a um nível elevado, das opiniões dos empresários da indústria de bens de consumo acerca da procura interna que lhes foi dirigida e da subida intensa dos montantes das operações da Rede Multibanco.

De acordo com as opiniões dos consumidores inquiridos pelo INE, conclui-se que a situação financeira das famílias apresentou uma evolução favorável até ao final de Fevereiro, o que está em sintonia com o dinamismo das vendas de bens de consumo no mercado interno. No entanto, o recurso ao crédito continua a financiar uma parcela significativa do consumo. De facto, o crédito a particulares para outros fins, que não a aquisição de habitação, cresceu a um ritmo muito intenso ao longo de 1998, tendo registado uma subida homóloga de 28,6 por cento durante o quarto trimestre. É de salientar que o crescimento do crédito para prazos inferiores a 1 ano acelerou significativamente ao longo do ano findo, o que sugere uma crescente utilização desta via para o financiamento de consumo corrente.

O consumo corrente manteve-se forte até ao final de Fevereiro, tendo o indicador das opiniões dos empresários do comércio a retalho acerca do seu volume de vendas melhorado significativamente durante os últimos meses. O crescimento homólogo do índice de volume de negócios no comércio a retalho de bens alimentares, vestuário e calçado fora já de 13,1 por cento durante o trimestre terminado em Novembro.

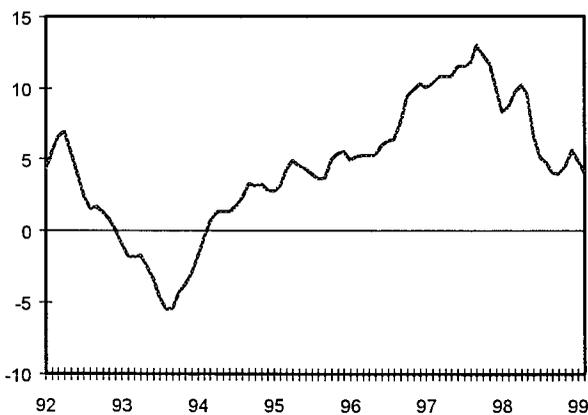
No entanto, o ritmo de crescimento de alguns indicadores de consumo corrente tem apresentado um perfil de abrandamento. Assim, as vendas de gasolina aumentaram apenas 1,4 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro, enquanto o crescimento homólogo do número de dormidas na hotelaria baixou para 4,7 por cento durante o trimestre terminado em Novembro. O crescimento das dormidas deverá ter continuado a abrandar nos últimos meses, tendo em conta a evolução das taxas de ocupação hoteleira.

Por sua vez, a procura de bens de consumo duradouros permaneceu muito intensa até ao final de Fevereiro. De facto, as opiniões dos empresários do comércio a retalho acerca das vendas deste tipo de bens (excluindo automóveis) melhoraram significativamente até ao final desse mês. O índice de volume de negócios no comércio a retalho destes bens conheceu já uma subida homóloga de 9,7 por cento durante o trimestre terminado em Novembro. A nota dissonante é introduzida pelo índice de volume de negócios da indústria de mobiliário que conheceu uma descida homóloga de 7,6 por cento ao longo do quarto trimestre.

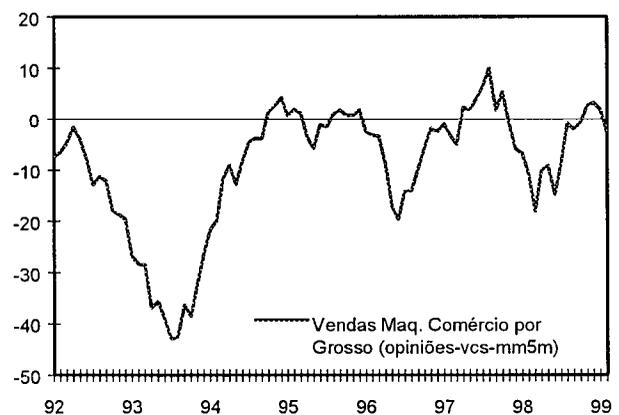
A procura interna de automóveis manteve-se também muito intensa, tendo as vendas de automóveis e de veículos todo-o-terreno novos apresentado uma variação homóloga de 29,9 por cento ao longo do trimestre terminado em Fevereiro. O número das matrículas deste tipo de veículos conheceu uma forte aceleração, registando uma subida homóloga de 22 por cento ao longo do mesmo período.

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Dez.98	Jan.99	Fev.99
<b>INVESTIMENTO</b>								
Indicador Coincidente de FBCF	9.9	9.7	6.6	4.0	5.6	5.6	4.9	4.1
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh)	23.1	23.3	25.3	11.1	21.6	X	X	X
<b>CONSTRUÇÃO</b>								
Vendas de Cimento	0.9	10.0	-0.2	0.2	9.9	9.9	9.3	-
Vendas de Varão para Betão	-18.3	3.5	15.8	-6.5	20.9	20.9	32.0	-
Prod. Indust. de Barro p/Construção (índice-tvh)	12.0	6.0	-0.7	7.8	13.9	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-6	-17	-16	-28	-35	-32	-35	-35
Adjudic. Obras Públicas (valor-tv ano termin.em)	116.8	31.9	-0.1	-6.1	-49.7	-49.7	-49.7	-49.6
Crédito para Compra de Habitação (valor-tvh)	44.1	51.7	53.7	59.3	-	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	5.6	17.9	8.5	9.8	16.2	16.2	-	-
<b>MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS</b>								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	-13	-13	-10	10	-1	-1	5	1
<b>MATERIAL DE TRANSPORTE</b>								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	13.4	14.7	2.4	6.9	21.3	21.3	19.6	9.2
Matrículas de Veíc. Comerciais Pesados Novos	42.4	40.2	10.7	-6.8	19.3	19.3	11.7	19.2

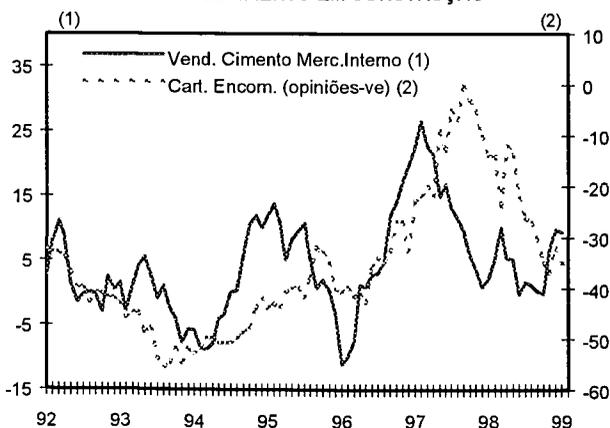
INDICADOR COINCIDENTE DO INVESTIMENTO



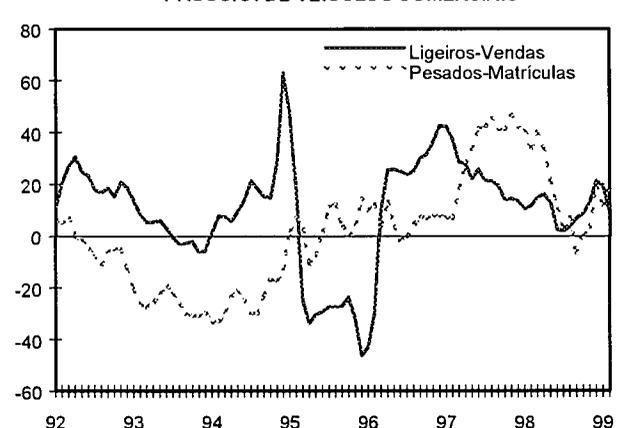
PROCURA DE MÁQUINAS



INVESTIMENTO EM CONSTRUÇÃO



PROCURA DE VEÍCULOS COMERCIAIS



---

---

## INVESTIMENTO

---

---

*O ritmo de crescimento do investimento abrandou ao longo do trimestre terminado em Fevereiro. O investimento das famílias em habitação permaneceu muito forte, enquanto o investimento em veículos comerciais ligeiros abrandava. O andamento do investimento em obras públicas manteve-se muito desfavorável.*

O indicador coincidente do investimento conheceu um crescimento homólogo de 4,1 por cento ao longo do trimestre terminado em Fevereiro, voltando a desacelerar. Esta evolução menos intensa do indicador global traduz sobretudo a perda de dinamismo do investimento em obras públicas e em veículos comerciais ligeiros.

No entanto, tanto as vendas de veículos comerciais pesados como a procura interna de máquinas mantiveram um andamento forte, embora as apreciações dos empresários do comércio do subsector grossista de máquinas e equipamentos acerca da evolução do seu volume de vendas se revelassem um pouco menos optimistas no final de Fevereiro.

O investimento empresarial tinha conhecido uma significativa aceleração no quarto trimestre de 1998. Assim, o crescimento homólogo do saldo do crédito ao investimento das empresas não financeiras subiu para 21,6 por cento no final de Dezembro de 1998, aproximando-se das fortes evoluções verificadas ao longo do primeiro semestre do mesmo ano. Também as vendas de veículos comerciais tinham conhecido um ritmo de crescimento intenso ao longo desse período.

O investimento em construção recuperou um pouco durante os últimos meses, apesar da significativa quebra do investimento em obras de engenharia. De facto, o valor das adjudicações de obras pública registou uma quebra de 49,6 por cento ao longo do ano terminado em Fevereiro, enquanto os empresários deste subsector mantinham avaliações muito pessimistas relativamente ao andamento da sua actividade e do seu volume de emprego.

Em sentido oposto continuou a evoluir o investimento em habitação por parte das famílias, justificando o forte crescimento do número de licenças concedidas para a construção de novas habitações.

Este indicador registou uma subida homóloga de 16,2 por cento durante o quarto trimestre, acelerando face aos dois trimestres precedentes. Por sua vez, os empresários da construção, inquiridos pela AECOPS, apontaram para a manutenção de uma evolução favorável por parte das vendas de fogos até ao final de Fevereiro.

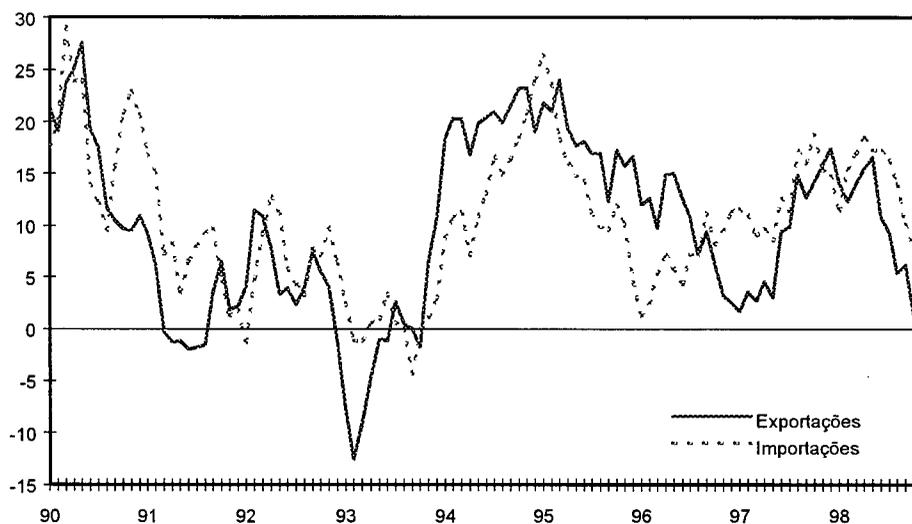
O dinamismo do mercado de habitação fez com que o saldo do crédito concedido a particulares para a compra de habitação tivesse registado uma subida homóloga de 35,4 por cento no final de Dezembro, contra 32,9 por cento no final de Setembro. Trata-se da subida mais forte ao longo da presente década por parte deste indicador, apurado pelo Banco de Portugal.

O dinamismo da construção de habitações é o principal responsável pela recuperação durante os últimos meses da procura interna de materiais com destino a este sector. Assim, as vendas de cimento registaram uma variação homóloga de 9,3 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro, enquanto as vendas de varão para betão subiam 32 por cento. Por sua vez, o índice de produção industrial de barro para construção conheceu um acréscimo homólogo de 13,9 por cento no quarto trimestre de 1998.

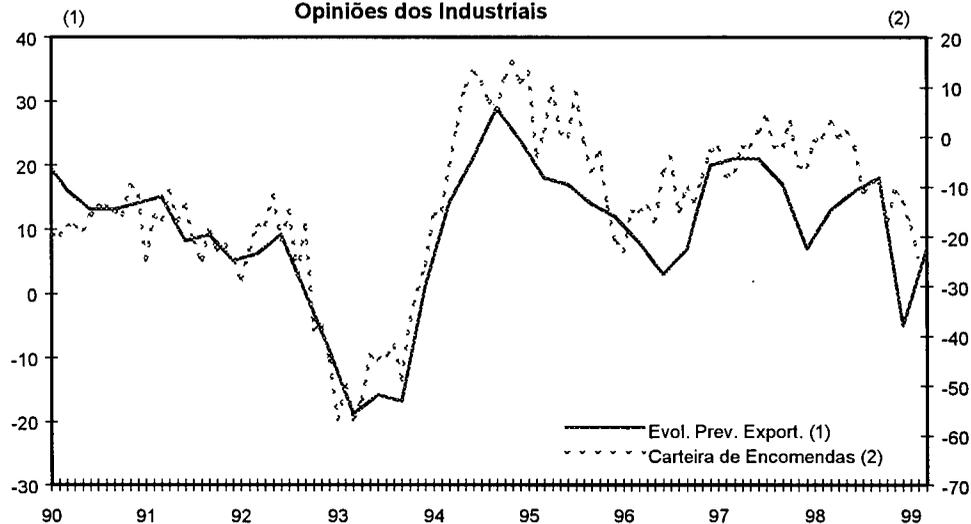
O investimento em material de transporte manteve uma evolução muito positiva, apesar da desaceleração do crescimento das vendas dos veículos comerciais ligeiros. De facto, o crescimento homólogo destes veículos ligeiros baixou para 9,2 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, enquanto as matrículas de veículos comerciais pesados novos registavam uma variação homóloga de 19,2 por cento, o que constitui um andamento muito próximo do apurado no quarto trimestre de 1998.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Dez.98	Jan.99	Fev.99
<b>PROCURA EXTERNA</b>								
Indicador de Procura Externa em valor (ECU)	13.5	7.7	4.5	0.0	-	0.0	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	14.0	10.8	6.1	-	-	-	-	-
Intra-União Europeia	13.0	13.1	8.3	-	-	-	-	-
Extra-União Europeia	19.0	0.7	-2.2	-13.7	-	-13.7	-	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	10.9	-	-	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	1	0	-10	-14	-	-13	-18	-24
Evol. Prevista das Export. (opiniões-vcs-valor trim.)	13	16	18	-5	7	X	X	X
<b>IMPORTAÇÕES</b>								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	16.9	17.2	10.2	-	-	-	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	17.2	-	-	-	-	X	X	X
<b>TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)</b>	<b>66.4</b>	<b>65.7</b>	<b>63.5</b>	-	-	-	-	-

### EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL



### PROCURA EXTERNA Opiniões dos Industriais



---

## PROCURA EXTERNA

---

*A procura externa conheceu uma tendência desfavorável até ao final de Fevereiro, tendo em conta as avaliações dos industriais portugueses e a evolução das importações dos nossos principais clientes. O ritmo de crescimento das importações mantinha-se no final de 1998 mais forte do que o das exportações, apesar da significativa desaceleração do valor das importações das matérias-primas e dos produtos intermédios.*

O ritmo de crescimento das exportações de mercadorias portuguesas tem continuado a abrandar, tendo o seu valor registado uma variação homóloga de apenas 0,5 por cento durante o trimestre terminado em Novembro. Embora uma parcela desta desaceleração possa ser explicada pelo andamento negativo dos preços, na sua essência reflecte o menor crescimento das quantidades exportadas. Esta evolução desfavorável era já esperada, tendo em conta as apreciações dos industriais, e deverá ter prosseguido até ao final de Fevereiro.

De resto, o mesmo perfil de evolução foi observado no valor das importações, em ECU, dos principais países clientes de Portugal, que registou uma estagnação, em termos homólogos, durante o quarto trimestre de 1998. Por outro lado, as opiniões dos industriais da UE referenciaram também um contínuo enfraquecimento da procura global que lhes foi dirigida até ao final de Fevereiro.

O comportamento desfavorável das exportações foi verificado tanto nos mercados intra-comunitários como nos mercados extra-comunitários, embora assumisse proporções mais negativas neste último caso.

De facto, as vendas com destino à UE registaram ainda uma subida homóloga de 3,4 por cento durante o trimestre terminado em Novembro de 1998, tendo as destinadas aos mercados extra-comunitários caído 13,7 por cento durante o quarto trimestre do mesmo ano.

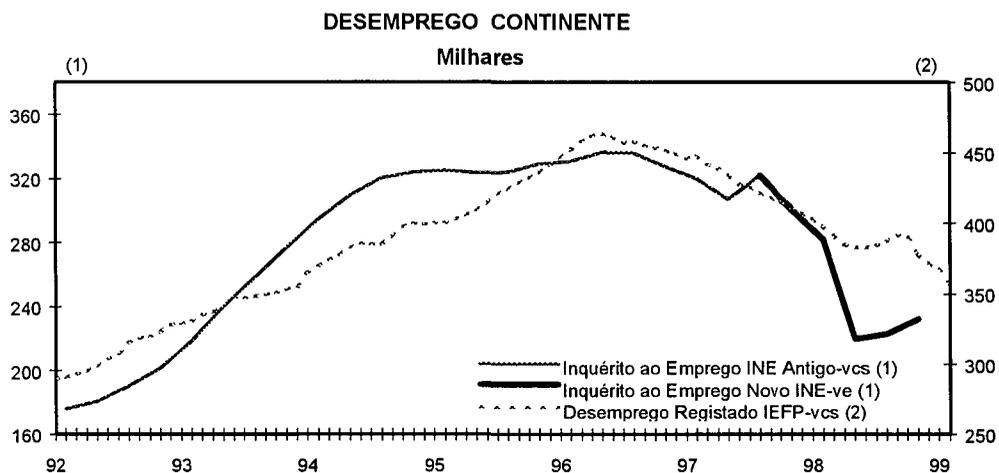
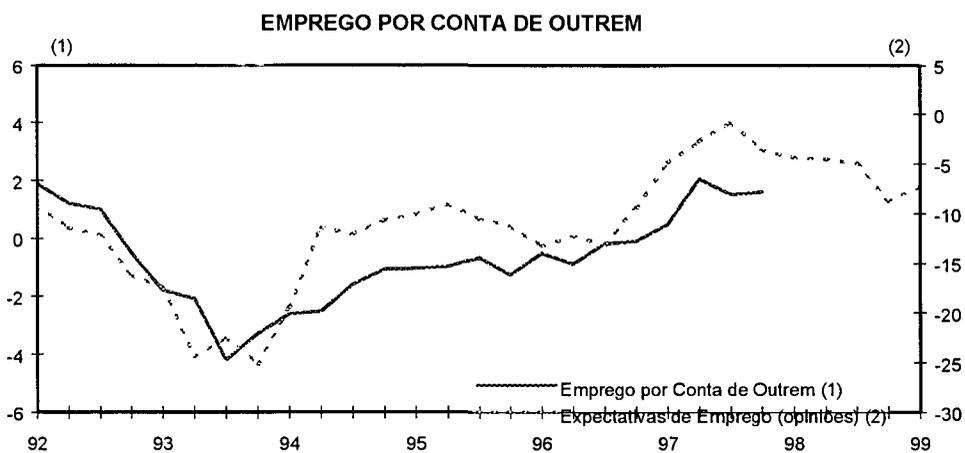
As exportações para a Espanha aumentaram 18,6 por cento entre Janeiro e Novembro, fornecendo a principal contribuição positiva para a evolução das exportações ao longo deste período. As vendas para a Bélgica, para a Itália e para França apresentaram também uma evolução superior à média dos restantes países da UE.

Foi sobretudo durante o segundo semestre que as exportações para os mercados extra-comunitários tiveram um comportamento mais negativo, uma vez que durante a primeira metade do ano tinham registado uma subida homóloga de 9,3 por cento. A quebra de 15 por cento nas vendas para o continente asiático foi a que mais contribuiu para o andamento desfavorável das exportações extra-comunitárias em 1998. As vendas para os PALOP e para a EFTA estagnaram, enquanto as exportações com destino ao continente americano apresentaram um crescimento homólogo de 6,6 por cento.

As exportações de produtos alimentares, plásticos, metais comuns, máquinas, aparelhos, veículos e outro material de transporte foram aquelas cujos valores conheceram evoluções mais positivas entre Janeiro e Novembro de 1998. Os valores das vendas para o exterior de calçado, minerais, minérios e combustíveis minerais apresentaram evoluções negativas durante o mesmo período.

O valor das importações de mercadorias conheceu uma subida homóloga de 8,5 por cento durante o trimestre terminado em Novembro, evidenciando uma desaceleração do seu ritmo de crescimento. Esta desaceleração resulta essencialmente das componentes de matérias-primas e de produtos intermédios, tendo as importações de bens de consumo e de bens de investimento mantido uma evolução muito forte até ao final de Novembro. A desaceleração do crescimento do valor das importações de matérias-primas e produtos intermédios foi provocada pela evolução negativa dos seus preços e pelo abrandamento da actividade industrial.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Dez.98	Jan.99	Fev.99
<b>EMPREGO E DESEMPREGO</b>								
<b>EMPREGO-INQUÉRITO ANTIGO INE (Continente)</b>								
Emprego Total (tvh)	-	-	2.8	2.2	-	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-	-	-1.2	-4.1	-	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	-	-	7.3	10.7	-	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	-	-	4.8	5.8	-	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	-	-	3.8	4.0	-	X	X	X
Indicador de Expectat.de Emprego (opiniões-ve)	-4	-5	-5	-9	-7	X	X	X
<b>DESEMPREGO-INQ. NOVO INE (Continente - ve)</b>								
Total (milhares)	281.9	219.8	223.1	232.1	-	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	5.9	4.6	4.7	4.9	-	X	X	X
<b>DESEMPREGO-IEFP (País - vcs - milhares)</b>								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	404.3	395.3	405.9	385.8	-	385.8	380.6	369.1
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	33.5	33.7	34.0	34.5	-	34.5	34.8	34.5
<b>DESEMPREGO-EXPECTATIVAS</b>								
Inquérito aos Consumidores(Opiniões-ve-mm3m)	24	21	19	24	-	24	23	21
<b>SALÁRIOS - Total (mm3m)</b>	<b>3.2</b>	<b>3.3</b>	<b>3.3</b>	<b>3.1</b>	<b>-</b>	<b>3.1</b>	<b>3.3</b>	<b>3.2</b>



---

## EMPREGO E SALÁRIOS

---

*O mercado de emprego manteve um comportamento positivo até ao final de Fevereiro. O número de novas ofertas de emprego continuou a recuperar, enquanto se verificava uma descida significativa no número total de desempregados inscritos nos centros de emprego. A melhoria do mercado de emprego é concordante com as expectativas empresariais.*

O número total de desempregados inscritos voltou a diminuir em Fevereiro, atingindo, depois de corrigido das influências sazonais, o nível mais baixo desde Dezembro de 1993. Face ao período homólogo, a descida em Fevereiro situou-se em 10,4 por cento. Desde Outubro de 1998 que o número de desempregados inscritos tem vindo a descer, depois de ter subido ligeiramente entre Junho e Setembro.

Esta descida do desemprego é também sugerida pelas apreciações das famílias quanto ao andamento desta variável, tendo o seu saldo recuado ligeiramente durante o trimestre terminado em Fevereiro.

A descida do número de desempregados foi acompanhada pela melhoria das novas ofertas de emprego entre Outubro e Fevereiro últimos. O nível destas ofertas situou-se durante o trimestre terminado em Fevereiro dentro dos níveis mais elevados dos últimos meses e cerca de 25,3 por cento acima do período homólogo. Como referência, recorde-se que as novas ofertas já tinham crescido, em termos homólogos, 41,3 por cento durante o primeiro trimestre de 1998.

Assim, a actual conjuntura continua a evidenciar uma relação muito favorável entre crescimento económico e criação de empregos. De resto, o saldo do conjunto das expectativas dos empresários da indústria, do comércio, da construção e dos serviços prestados às empresas, acerca da evolução do seu volume de emprego, apresentou também durante o mesmo período uma recuperação semelhante à das ofertas de emprego. Foi nos sectores do comércio e da construção que a melhoria das expectativas empresariais foi mais evidente durante os últimos meses.

O número de novos desempregados inscritos tem vindo também a aumentar, embora o dinamismo das novas ofertas de emprego esteja a impedir que tal se

traduza numa subida do número total de desempregados inscritos.

O número médio mensal, corrigido da sazonalidade, das novas inscrições foi de 34,5 mil durante o trimestre terminado em Fevereiro, situando-se ao nível do quarto trimestre de 1998 e acima do período homólogo do mesmo ano.

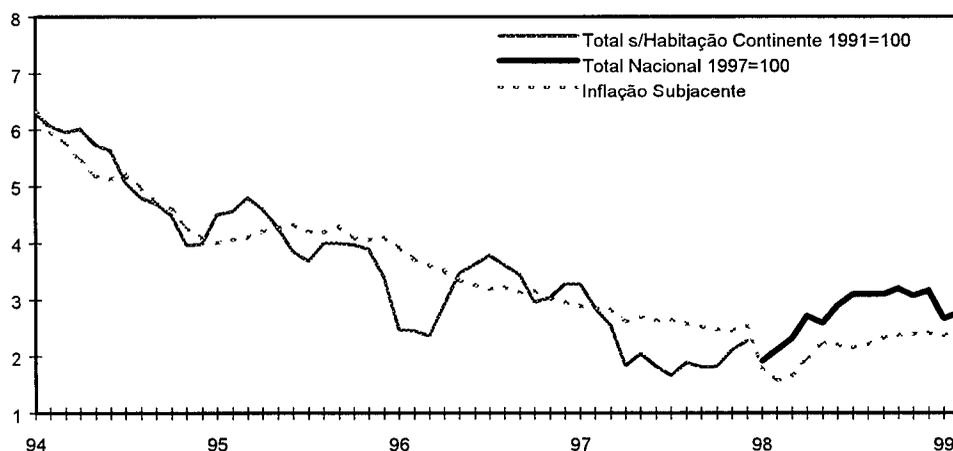
As inscrições devido ao fim de trabalho não permanente foram as que registaram subidas mais fortes durante os últimos meses, sendo também as principais responsáveis pela subida do número total de novas inscrições, quer pelo seu número quer pela intensidade da sua evolução.

Por sua vez, os salários contratados tiveram uma subida anualizada de 3,2 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, o que constitui uma evolução muito próxima da apurada no quarto trimestre de 1998. Os preços no consumidor registaram nesse período uma variação homóloga média de 2,8 por cento, pelo que o poder de compra salarial teria aumentado 0,4 por cento. No entanto, quer as apreciações das famílias acerca da evolução da sua situação financeira quer o andamento da despesa das mesmas sugerem que o seu rendimento estará a registar uma evolução real bastante mais positiva.

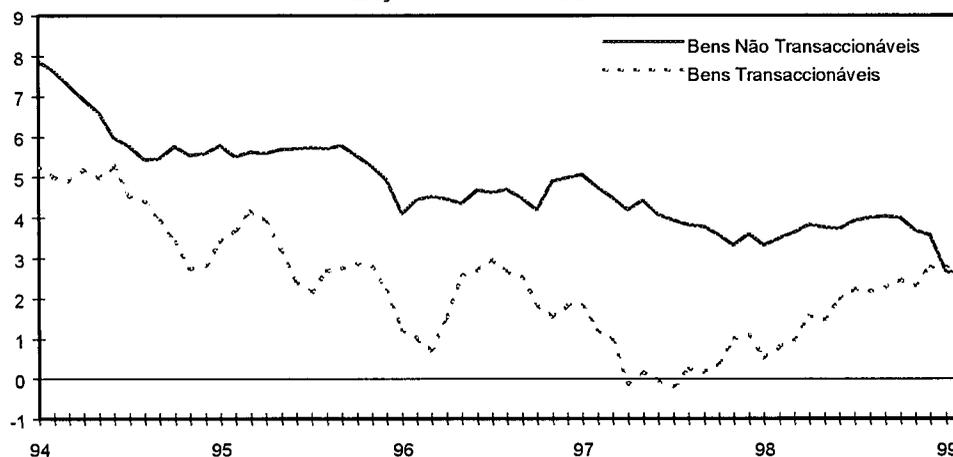
Sendo os salários contratados um indicador de referência, é habitual que os salários efectivamente pagos e o conjunto dos ganhos subam menos do que este referencial em momentos de crise e aumentem mais nos "picos" conjunturais, quando a taxa de desemprego é muito baixa, como sucede no momento actual.

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Dez.98	Jan.99	Fev.99
<b>PREÇOS NO CONSUMIDOR (valores mensais)</b>								
Índice Nacional	2.1	2.1	2.7	3.1	3.1	3.2	2.7	2.8
Índice Harmonizado	1.9	1.4	2.3	2.4	2.7	2.8	2.5	2.7
Indicador de Inflação Subjacente	2.5	1.7	2.1	2.2	2.4	2.4	2.4	2.4
Índice Transaccionáveis	0.8	0.8	1.7	2.2	2.5	2.8	2.8	2.9
Não Alimentares	1.3	0.2	1.1	1.5	1.9	2.2	2.4	2.5
Índice Não Transaccionáveis	3.5	3.5	3.8	4.0	3.8	3.6	2.7	2.6
Índice Bens	-	0.9	1.8	2.3	2.4	2.5	2.2	2.2
Índice Serviços	-	4.6	4.8	4.9	4.7	4.6	3.8	3.9
<b>PREÇOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA</b>								
Preços de Produção (índice)	1.3	-2.7	-2.7	-5.6	-7.8	-7.8	-	-
Preços de Produção (índice excl. Alim.e Energ.)	2.6	2.5	2.0	1.1	0.2	0.2	-	-
Expectativas de Preços (opiniões)	9	7	5	4	-1	-1	-1	-2
<b>EVOLUÇÃO CAMBIAL</b>								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	-3.6	-3.8	-2.2	0.3	0.9	1.1	-	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-3.6	-3.8	-2.9	-1.3	-0.1	0.5	0.8	-
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	-13.7	-10.6	-6.1	1.4	5.1	6.2	7.6	-

**TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL**



**INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS**



---

## PREÇOS E CÂMBIOS

---

*A inflação voltou a subir em Fevereiro. Para esta evolução contribuíram quer o comportamento menos favorável dos preços dos serviços e de alguns bens alimentares frescos quer a progressiva aceleração dos preços de alguns bens transaccionáveis não alimentares. A tendência de fundo da inflação manteve-se estável, à semelhança do verificado desde o início do quarto trimestre do ano passado.*

A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor nacional subiu para 2,8 por cento em Fevereiro. Também a mesma medida do índice de preços harmonizado aumentou para 2,7 por cento durante este mesmo período. Como resultado, a percentagem de variação homóloga média durante os últimos 12 meses passou para 2,9 por cento.

No entanto, a variação homóloga do indicador da inflação subjacente estabilizou em 2,4 por cento entre Outubro e Fevereiro últimos.

Os preços dos bens alimentares e das bebidas voltaram a contribuir para esta subida. De facto, a percentagem de variação homóloga dos preços dos produtos alimentares e das bebidas não alcoólicas subiu de 3,1 para 3,2 por cento e a das bebidas alcoólicas passou de 12,6 para 13,6 por cento. O peixe fresco, as frutas frescas e o vinho foram os produtos, entre estes bens, cujos preços mais aceleraram. Mas também o peixe seco e as féculas e amidos mantiveram em Fevereiro subidas homólogas intensas, próximas de 30 por cento, ainda que inferiores às do mês anterior.

Embora sejam muito mais fracas do que as dos produtos anteriormente referenciados, as variações homólogas dos preços do vestuário, do calçado, dos equipamentos domésticos e das despesas com a habitação têm vindo a acelerar. Assim, a percentagem de variação homóloga do índice de preços do vestuário e calçado subiu para 1,2 por cento em Fevereiro, depois de ter sido negativa ao longo de 1998, enquanto a mesma medida na classe dos equipamentos domésticos e das despesas com a habitação subiu para 2,5 por cento em Fevereiro.

O andamento dos preços destes produtos tem sido determinante na subida da inflação dos bens transaccionáveis não alimentares, que subiu para 2,5

por cento em Fevereiro, quando fora apenas 0,2 por cento no conjunto do primeiro trimestre de 1998.

Por sua vez, a percentagem de variação homóloga dos serviços subiu para 3,9 por cento em Fevereiro, depois de ter beneficiado no mês anterior do fim do efeito homólogo da actualização das propinas. A generalidade dos serviços manteve subidas intensas e relativamente estáveis, com excepção dos serviços de alojamento, cuja variação homóloga desceu para 4,5 por cento em Fevereiro, depois de ter atingido 16,8 por cento em Outubro de 1998. A desaceleração da inflação dos serviços de alojamento reflecte a perda de dinamismo da procura turística, após o encerramento da Expo'98.

A estabilidade da inflação subjacente, a um nível mais elevado do que a inflação da UE, bem como a aceleração dos preços dos bens transaccionáveis não alimentares encontram explicação no forte dinamismo da procura interna de bens de consumo. Estas evoluções ocorrem em simultâneo com a queda dos preços das matérias-primas e dos produtos intermédios transformados nos mercados internacionais e com a descida da inflação nos países que são nossos principais fornecedores, o que tem implícita uma contribuição negativa da componente importada da inflação. É, por isso, provável que a componente interna da inflação tenha vindo a acelerar ao longo dos últimos meses.

Os preços de venda à saída da fábrica reflectem esta conjuntura externa, conhecendo uma evolução negativa até ao fim de Fevereiro, segundo se conclui dos respectivos índices e das apreciações empresariais. Mas esta tendência não se tem transmitido aos preços dos produtos industriais junto do consumidor.

## NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

### **Página 2. Enquadramento Externo.**

*PIB dos países clientes.* Agregação da variação homóloga do PIB (1990=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suíça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

*Índice de Produção Industrial - Países Clientes.* Agregação dos índices de produção industrial (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suíça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

*Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores.* Agregação dos índices de preços de produção (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

*Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado.* Fonte: EUROSTAT.

*Taxa de Desemprego - UE.* Fonte: OCDE.

*Carteira de Encomendas - Indústria da UE.* Inquérito à Indústria Transformadora. (Nota: a partir de 1991, a série sofreu alterações devido à inclusão dos novos Länders da Alemanha) Fonte: CE.

*Indicador de Confiança dos Consumidores - UE.* Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

*Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist").* 1990=100, em dólares.

### **Página 4. Actividade Económica.**

*Indicador de Clima Económico.* Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

*Indicador de Actividade Económica.* Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

*Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção.* Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

*Índice (1990=100) de Produção da Indústria Transformadora, Índices (1995=100) de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e da Indústria Transformadora, Procura Interna de Bens Intermédios.* Fonte: INE.

*Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto.* Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

*Consumo de Energia Eléctrica.* Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

*Consumo Industrial de Energia Eléctrica.* Fonte: EDP.

*Consumo de Fuel - Indústria Transformadora.* Fonte: Petrogal.

### **Página 6. Consumo Final.**

*Consumo Público.* Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

*Indicador de Confiança dos Consumidores - Inquérito aos Consumidores.* Fonte: CE até Julho de 1996; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, estimação do GE - INE; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE.

*Situação Financeira das Famílias - Inquérito aos Consumidores.* Fonte: INE.

*Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação).* Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

*Operações Multibanco.* Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

*Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e Índices), Importação de Automóveis,*

*Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria.* Fonte: INE.

*Vendas de Super e Hipermercados.* Fonte: APED.

*Vendas de Gasolina.* Fonte: Petrogal.

*Vendas e Matrículas ( Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno.* Fonte: ACAP.

### **Página 8. Investimento.**

*Indicador Coincidente.* Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

*Crédito ao Investimento Empresarial.* Crédito a empresas não financeiras. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

*Vendas de cimento.* Fonte: CIMPOR e SECIL.

*Vendas de Varão para Betão.* Fonte: Siderurgia Nacional e INE (importações).

*Índice de Produção de Barro para Construção (1990=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção,*

*Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso, Importações de Outro Material de Transporte.* Fonte: INE;

*Crédito para Compra de Habitação.* Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

*Adjudicações de Obras Públicas.* Fonte: AECOPS.

*Vendas e Matrículas de Veículos Comerciais.* Fonte: ACAP.

### **Página 10. Procura Externa.**

*Indicador de Procura Externa.* Agregação ponderada do valor (em ECU) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

*Exportações de Mercadorias (Nota: a partir de Janeiro de 1998, procedeu-se ao ajustamento de parte do valor estatístico relativo ao comércio com a União Europeia), Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura.* Fonte: DGREI, M.E., e INE.

### **Página 12. Emprego e Salários.**

*Emprego - Inquérito Antigo às Famílias até 4º trimestre de 1997; Inquérito Novo às Famílias a partir do 3º trimestre de 1998, Desemprego - Inquérito Novo às Famílias, Expectativas de Emprego.* Fonte: INE.

*Desemprego - Mercado de Emprego.* Fonte: IEFP.

*Expectativas de Desemprego - Inquérito aos Consumidores.* Fonte: INE.

*Salários.* Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério Para a Qualificação e o Emprego.

### **Página 14. Preços e Câmbios.**

*Índices de Preços no Consumidor Total sem Habitação (1991=100) - Continente até Dezembro de 1997; Índices de Preços no Consumidor Total (1997=100) - Nacional a partir de Janeiro de 1998. Produção na Indústria (1995=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria.* Fonte: INE.

*Inflação Subjacente.* Estimada com base em índices de preços no consumidor (1997=100) de 67 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

*Índices de Preços de Exportação e de Importação (1996=100).* Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

*Informação sobre Câmbios.* Fonte: Banco de Portugal.

# LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações Editadas pelo INE

METODOLOGIAS, NOMENCLATURAS E CONCEITOS	AVULSO	ASSIN.	*
Índices de Preços na Produção Industrial - Metodologia e Séries Retrospectivas 1995-1997	1.680\$00		
Ind. de Vol. de Neg. Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Ind. - Metod. e S. R. 1995-1997	1.680\$00		
<b>ESTATÍSTICAS GERAIS</b>			
Anuário Estatístico de Portugal 1997	10.200\$00	8.160\$00	6
Boletim Mensal de Estatística 1998 (x 12)	2.280\$00	21.890\$00	1
Portugal em Números 1997	Gratuito		
<b>POPULAÇÃO AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS</b>			
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1996	4.890\$00		
Série Estimativas Provisórias N.º 27	3.680\$00		
Portugal Social 1991/1995	6.000\$00		
Estatísticas da Protecção Social 1995-1996	2.400\$00		
Estatísticas da Saúde 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Estatísticas Demográficas 1997	6.730\$00	5.380\$00	6
Estatísticas do Ambiente 1997	3.000\$00	2.400\$00	5
Estatísticas do Emprego 1998 (Trimestral)	840\$00	2.690\$00	3
Associações Culturais e Recreativas 1995	1.500\$00		
<b>AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA</b>			
Estatísticas da Pesca 1997	3.040\$00	2.430\$00	5
Inquérito às Plantações de Árvores de Fruto 1998	1.500\$00		
Estatísticas Agrícolas 1997	4.210\$00	3.370\$00	5
Pescas em Portugal 1986 - 1996	6.300\$00		
Estatísticas da Produção Agro-Industrial 1992-1995	1.500\$00		
Contas Económicas da Agricultura 1997	1.500\$00		
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1999	240\$00	2.300\$00	2
<b>INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA</b>			
Estatísticas da Construção de Edifícios 1997	2.120\$00	1.700\$00	5
Estatísticas da Produção Industrial 1996	3.600\$00	2.880\$00	6
Índices de Produção Industrial 1998	240\$00	2.300\$00	2
Estatísticas das Empresas - Indústria 1995	1.330\$00		
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1999	650\$00	6.200\$00	2
Índices de Preços na Produção Industrial 1998	420\$00	4.030\$00	2
Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria 1998	360\$00	3.460\$00	2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1999	720\$00	6.900\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1999	300\$00	2.900\$00	2
<b>COMÉRCIO INTERNACIONAL</b>			
Comércio Internacional 1998	780\$00	7.490\$00	2
Estatísticas do Comércio Internacional 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Comércio ExtraComunitário 1998	780\$00	7.490\$00	2
<b>COMÉRCIO INTERNO, TURISMO E OUTROS SERVIÇOS</b>			
Estatísticas do Turismo 1997	4.440\$00	3.550\$00	6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1997	6.300\$00	5.040\$00	6
Estatísticas dos Transportes Rodoviários de Passageiros e de Mercadorias 1996/1997	2.600\$00		
Gastos dos Estrangeiros não Residentes Residentes em Portugal 1997	1.220\$00		
Estabelecimentos Comerciais 1997	1.130\$00	900\$00	4
Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho 1998	200\$00	1.920\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1999	1.300\$00	12.500\$00	2
<b>ECONOMIA E FINANÇAS</b>			
Estatísticas das Receitas Fiscais 1996	3.070\$00	2.460\$00	6
Empresas em Portugal 1990 - 1995	2.190\$00		
Painel de Empresas 1996 - 1997	1.800\$00	1.400\$00	5
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1996	5.680\$00		
Sistema de Contas Integradas das Empresas 1994 - 1995	3.750\$00		
Índice de Preços no Consumidor 1999	1.400\$00	13.400\$00	2
Contas Nacionais 1995	2.070\$00		
Síntese Económica Mensal 1999	480\$00	4.600\$00	2
<b>ESTATÍSTICAS REGIONAIS</b>			
Contas Regionais 1990-1994	3.000\$00		
Retrato das Regiões 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1997	5.820\$00		
Inquérito ao Emprego Região de Lisboa e Vale do Tejo (NUTS III) 1998 (Semestral)	600\$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1999 (Mensal)	600\$00	5.800\$00	2
Anuário Estatístico da Região Algarve 1997	3.940\$00		
Inventário Municipal da Região Algarve 1998	4.600\$00		
Anuário Estatístico da Região Alentejo 1997	4.650\$00		
Estatísticas das Regiões Fronteiriças do Alentejo e da Extremadura 1998	4.000\$00		
Os Municípios do Alentejo 1997	8.000\$00		
Os Municípios do Algarve 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Centro 1997	6.000\$00		
Anuário Estatístico Portugal Região Centro - Espanha Castilla y León 1997	4.500\$00		
Anuário Estatístico da Região Norte 1997	4.140\$00		
<b>ESTUDOS</b>			
Revista de Estatística 1998 (quadrimestral)	2.310\$00	5.540\$00	7

## \* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.920\$00	160\$00	5.040\$00	420\$00	9.300\$00	775\$00
2	1.020\$00	85\$00	2.520\$00	210\$00	4.080\$00	340\$00
3	340\$00	85\$00	840\$00	210\$00	1.360\$00	340\$00
4	170\$00	85\$00	420\$00	210\$00	680\$00	340\$00
5	285\$00	285\$00	765\$00	765\$00	1.480\$00	1.480\$00
6	560\$00	560\$00	1.325\$00	1.325\$00	2.600\$00	2.600\$00
7	900\$00	300\$00	2.295\$00	765\$00	4.440\$00	1.480\$00

